

# Mulheres, casamento e maternidade: a recepção de escritoras alemãs, austríacas e suíças no *Koseritz' Deutscher Volkskalender für Brasilien* (1899-1918; 1921-1938)

*Women, marriage and motherhood: the reception of German, Austrian and Swiss female writers in Koseritz' Deutscher Volkskalender für Brasilien* (1899-1918; 1921-1938)

Imgart Grützmann<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela PUCRS. Professora e pesquisadora do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Artigo resultante do projeto de pesquisa *Comércio livreiro e acesso à literatura alemã e a outras obras oriundas da Alemanha entre os imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1870-1941)*, categoria pós-doutorado, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, sob a supervisão da profa. Dra. Regina Zilberman, no período de março de 2013 a fevereiro de 2014.

[imgart@terra.com.br](mailto:imgart@terra.com.br)

**RESUMO:** Entre 1899 e 1938, o almanaque em língua alemã *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien*, editado em Porto Alegre/RS, publicou textos literários de escritoras alemãs, austríacas e suíças. O artigo analisa as representações da figura feminina em contos e poemas dessas escritoras e seu processo de recepção como uma contribuição à história dos livros e da leitura e à história da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Koseritz' Deutscher Volkskalender für Brasilien*; Literatura alemã, austríaca e suíça no Brasil; Representações femininas; Recepção e história da literatura.

**ABSTRACT:** Between the year of 1899 and 1938 the German language almanac *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien*, edited in Porto Alegre/RS, publishes literary texts of German, Austrian and Swiss female writers. This article analyses the representations of female figures presented in short stories and poems of these female writers and his process of reception as a contribution to the history both of books and reading and literary.

**KEYWORDS:** *Koseritz' Deutscher Volkskalender für Brasilien*; German, Austrian and Swiss literature in Brazil; Female representations; Reception and literary history



## Introdução

Em Porto Alegre, no período que compreende a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, diversos intermediários da leitura, entre eles livreiros, editores e outros comerciantes, preponderantemente de origem alemã, disponibilizaram por meio de seus estabelecimentos um conjunto variado de opções de leitura em língua alemã de diferentes autores, gêneros e temas a um público leitor formado principalmente de imigrantes e de seus descendentes. Entre as modalidades de oferta de leituras encontravam-se jornais, almanaques (Kalender), revistas ilustradas, livros didáticos e de leitura, livros literários, notadamente romances, e não-literários, entre eles científicos, técnicos, de culinária e de história, importados da Alemanha e de países de fala alemã. No comércio livreiro da Capital sulina ainda estavam à disposição dos leitores almanaques, revistas e livros, ficcionais e não-ficcionais, em língua alemã editados no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, e em menor proporção livros e periódicos em língua portuguesa.

No campo literário, dentre as opções de leitura oferecidas pelos intermediários da leitura, figurava a literatura escrita por mulheres, especialmente de autoras da Alemanha, e, em menor proporção, da Áustria e da Suíça. Esta literatura chegava aos leitores em formato de livro e por meio de periódicos importados da Alemanha e de países de fala alemã, e por impressos produzidos em língua alemã no Brasil. Dentre as autoras alemãs, cujas produções literárias, em formato de livro, foram comercializadas em Porto Alegre constavam, no século XIX e XX, Clementine Helm (1825-1896), Eufemia von Adlersfeld-Ballestrem (1854-1941), Eugenie Marlitt (1825-1887), Elise Polko (1823-1899) e Julie Burow (1806-1868). Outra modalidade de acesso a produções literárias de mulheres no comércio livreiro de Porto Alegre eram os periódicos importados da Alemanha e/ou de países de fala alemã, mediante assinaturas, entre elas as revistas

ilustradas dedicadas à família, que surgiram a partir da década de 1850, como *Die Gartenlaube*, editada em Leipzig, que tinha como uma de suas principais colaboradoras a escritora Eugenie Marlitt; e *Deutscher Rundschau*, na qual a autora alemã Helene von Hülsen (1829-1892) publicou parte de seus romances no *feuilleton*; e os almanaques alemães, entre eles *Daheim-Kalender* e *Gartenlaube Kalender*.

No comércio livreiro da Capital sulina, outra modalidade de acesso a produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças foram os almanaques editados pela Gundlach & Comp. e comercializados pela *Buchhandlung von Gundlach & Comp.*, também denominada de Livraria Universal, mais tarde *Krahe & Comp.*, em Porto Alegre, e pelos seus representantes em localidades do interior do Rio Grande do Sul.

Em 1879, Gundlach & Comp. lançou o *Deutscher Volkskalender für Brasilien, speciell für die Provinz Rio Grande do Sul bearbeitet auf das Jahr 1880*, mais tarde intitulado *Deutscher Volkskalender für den Staat Rio Grande do Sul auf das Jahr*, que circulou até o volume destinado ao ano de 1914. Nos volumes<sup>1</sup> disponíveis para consulta, observou-se que foram veiculadas produções literárias, especialmente contos e poemas, de várias autoras alemãs, entre elas Jeanne Berta Semmig (1867-1958), Käthe van Beeker (1863-1917), Ludovika Hesekei (1847-1889), Luise Westkirch (1853-1941), Lulu von Strauß und Torney (1873-1956), Sophie Charlotte von Sell (1864-1941) e Sophie von Adelung (1850-1927). Em 1881, Gundlach & Comp. assumiu também a edição do *Koseritz' deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul auf das Jahr 1882*, até então produzido e impresso por Walther Kühn e Ter Brügggen & Comp. Esse almanaque, mais tarde denominado *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien*, em circulação desde o volume para o ano de 1874, foi organizado pelo jornalista Carl von

<sup>1</sup> Foram analisados os volumes referentes aos anos de 1880, 1882, 1892, 1897, 1899, 1903, 1913 e 1914, ainda disponíveis para consulta em acervos e bibliotecas.

Koseritz até a sua morte em 1890, em Porto Alegre. O *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien*<sup>2</sup> (doravante KDVK), já sob a responsabilidade de Krahe & Comp., firma estabelecida em Porto Alegre, destacou-se pela publicação regular de contos e poemas, em língua alemã, de autoras<sup>3</sup> alemãs, austríacas e suíças no período de 1899 a 1918 e de 1921 a 1938, último ano de circulação do periódico. Entre as escritoras alemãs publicadas no KDVK encontravam-se Alice Freiin von Gaudy (1863-1929), Anna Ritter (1865-1921), Charlotte Niese (1854-1935), Clara Viebig (1860-1952), Eva Treu (pseudônimo de Lucy Griebel 1855-1922), Eufemia von Adlersfeld-Ballestrem (1854-1941), Frida Schanz (1859-1944), Helene Christaller (1872-1953), Helene Raff (1865-1942), Helene Voigt-Diederichs (1875-1961), Konradine Stinde (1856-1925), Louise von Plönnies (1803-1872), Luise Glaß (1857-1932), Marie Diers (1867-1949), Nanny Lambrecht (1868-1942) e Rita von Gaudecker (1879-1968). No que tange às autoras austríacas, as páginas do KDVK traziam contribuições de Erika Mitterer (1906-2001), Erika Spann-Rheinisch (1880-1967), Josephine Freiin von Knorr (1827-1908), Maria Hulda Mical (1879-1957) e Marie von Ebner-Eschenbach (1830-1916). Entre as escritoras suíças, por sua vez, estavam Isabella Kaiser (1866-1925), Johanna Spyri (1827-1901) e Clara Holzmann-Forrer (1868-1950). A presença de autoras alemãs, austríacas e suíças no KDVK caracterizou-se pela variedade de escritoras, cuja produção, no entanto,

restringia-se em geral a uma publicação ao longo do período de circulação do almanaque. No entanto, escritoras como Anna Ritter e Frida Schanz, na poesia, e Eufemia von Adlersfeld-Ballestrem, Charlotte Niese e Marie von Ebner-Eschenbach, na prosa, tiveram um maior número de textos literários publicados. Cabe lembrar ainda que as produções das escritoras dividiam o espaço das páginas do KDVK com os textos literários de autores alemães, entre eles Theodor Storm (1817-1888), e austríacos, notadamente Peter Rosegger (1843-1918), bem como de outras nacionalidades, ainda que em menor número. A publicação de literatura da Alemanha e de países de fala alemã, em sua grande maioria de caráter regional (Heimatliteratur) e regionalista (Heimatkunst), orientação estético-literária em que se enquadravam a maior parte das produções das escritoras, foi uma das características marcantes e diferenciadoras do KDVK dentre os demais almanaques publicados no Brasil, conforme já salientou Manfred Kuder (1936/37, p. 395).

Para o presente artigo, efetuou-se um recorte no conjunto de escritoras alemãs, austríacas e suíças publicadas no KDVK<sup>4</sup>, elegendo-se algumas produções literárias que abordavam o universo feminino, especialmente casamento e maternidade, com o objetivo de averiguar algumas representações acerca da figura feminina veiculadas nesses textos e algumas razões de sua recepção nesse almanaque. Cabe salientar que na literatura dessas escritoras havia também outras temáticas, entre as quais o amor, as estações do ano, a fugacidade da vida e valores como retidão e perseverança. Figuras femininas ainda estavam presentes nos textos de autores alemães, suíços e de outras nacionalidades publicados regularmente no KDVK.

<sup>2</sup> Informações acerca do *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien* encontram-se em KUDER, Manfred (1936/37); RÜDIGER, Sebald. *Koseritz' deutscher Volkskalender. 1874-1938*. Notícia descritiva. Porto Alegre: Fac. de Filosofia/UFRGS, 1963; GRÜTZMANN, Ingrid. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; GRÜTZMANN, Ingrid. *Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941)*. In: SIDEKUM, Antonio (Org.). *As sombras do carvalho*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p.177-254.

<sup>3</sup> Dados biobibliográficos de autoras alemãs, austríacas e suíças encontram-se em BEUTIN, Wolfgang et al. *Deutsche Literatur Geschichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart*. 7. Auflage. Stuttgart: Metzler, 2008; RÖTZER, Hans Gerd. *Geschichte der deutschen Literatur*. 2. Auflage. Bamberg: C. C. Buchners Verlag, 2011.

<sup>4</sup> Os volumes do *Koseritz' deutscher Volkskalender* para os anos de 1874 a 1881, de 1883 a 1918 e de 1921 a 1938 do Acervo Benno Mentz constantes neste artigo, pertencem ao DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e foram cedidos de modo gratuito e exclusivo para esta publicação.

Essa análise das figuras femininas, com base na representação, orienta-se a partir de pressupostos teórico-metodológicos da história cultural, a qual, conforme Roger Chartier, “tem por principal objecto o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Na ótica de Chartier (idem, 17), as representações são esquemas intelectuais construídos a partir de “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”. Numa linha similar, Sandra Pesavento (2004, p. 39) destaca que as representações “não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real”.

A investigação das produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças publicadas no *KDVK* e de suas representações acerca da figura feminina almeja contribuir para história dos livros e da leitura dos imigrantes alemães e seus descendentes, principalmente no Rio Grande do Sul, com base nas considerações de Robert Darnton (1990), mas também para a história da literatura que leva em consideração a noção de recepção. Nesse sentido, Eduardo Coutinho, ao refletir acerca dos novos rumos empreendidos pela historiografia literária, destaca que uma das transformações sofridas por essa área dos estudos literários, impulsionada pelas contribuições, entre outras, da Nova História e dos Estudos Culturais, consiste no questionamento “de sua linearidade tradicional, baseada em noções como a de progressão ou evolucionismo, que cedem lugar a uma espécie de *diálogo entre o passado e o presente*” (COUTINHO, p. 15-16) [Grifos do autor]. Nessa nova perspectiva, Coutinho sublinha a necessária consciência de que a “História da Literatura não é o mero registro acumulativo de tudo o que se produziu, nem a simples compilação de temas ou formas, mas a reescritura constante

de textos anteriores com o olhar do presente” (idem, p. 16). Com base nessa perspectiva, Coutinho salienta o novo critério de orientação das análises, alicerçada na dialética entre passado e presente, ou seja, “os fatos, fenômenos ou acontecimentos relatados pelo historiador literário ocorreram no passado, mas como seu relator é também um indivíduo historicamente situado, ele constrói sua narração à luz de uma visão compreendida com o tempo e o local da enunciação” (ibid.). A partir desse novo viés de estudo, Coutinho afirma que a historiografia literária, “ao lado do exame do texto, bem como dos gêneros, estilos e tropos” (idem, p. 18), os pilares da história da literatura ao longo do tempo, também se volta para “a análise do campo em que se produziu a experiência literária, e o contexto de recepção da obra é mais uma vez equiparado ao da produção” (ibid.). A história da literatura calcada nesses parâmetros confronta duas instâncias temporais e espaciais distintas, sendo que “na dialética estabelecida entre essas instâncias de produção e de recepção de textos que se tece o discurso da história literária” (ibid.). Numa linha similar, Roger Chartier afirma que “uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos” (CHARTIER, 2002, p. 257). Além da recepção dos textos, há ainda a necessidade de se levar em conta a materialidade dos textos que chegam aos leitores, na medida em que, conforme salienta Roger Chartier, “os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 2002, p. 71). As formas materiais dos textos “também contribuem plenamente para modelar as antecipações do leitor face ao texto e para atrair novos públicos ou usos inéditos” (ibid.). No caso das produções literárias de escritoras alemãs, austríacas e suíças publicadas no *KVDK*, a sua recepção centra-se na figura do editor desse periódico anual, voltado para a informação, o entretenimento e a formação de seus leitores, o qual atua como um leitor que busca e seleciona textos literários em consonância com a política editorial do almanaque.

## 1 Mulheres e casamento

Nas produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças, publicadas no *KDVK*, destacou-se a representação da figura feminina direcionada ao casamento, apresentando-se a união matrimonial como um destino desejado pela mulher e natural para a sua condição. A valorização do casamento se revelava pela presença constante, nessa ficção, de figuras femininas, de diferentes classes sociais, especialmente moças, enamoradas e com desejo de contrair núpcias, como ilustram os exemplos a seguir. Em *Tiddlywinks* (1910), conto de Eufemia von Adlersfeld-Ballestrem, Dorothea Bunelius, a encantadora filha de Otto Bunelius, está noiva do estagiário von Newsky, apesar das restrições da tia Christel. No mesmo conto, Christel, solteira e ainda bem apessoada, depois de ser agraciada com o buque de noiva de Dorothea ainda espera por um noivo. No conto *Auf Nimmerwiedersehen. Humoreske* (1928)<sup>5</sup>, da escritora alemã Anna Schwabacher-Bleichröder, a encantadora e loura Lotte, costureira, e seu noivo Willi, empregado dos correios, “economizaram longa e seriamente para o enxoval e o iminente casamento”<sup>6</sup> (SCHWABACHER-BLEICHRÖDER, 1927, p. 126). Alma, a angelical e bela personagem do conto *Der gute Mond* (1932), de Marie von Ebner-Eschenbach, está apaixonada e de casamento marcado com o nobre Franz Edler von Bauer que conhecera em uma estação termal. Em *Der Mörser* (1934), conto de Helene Raff, a jovem Rosina Rossi, trabalhadora em uma fábrica de vidro em Veneza, está noiva de Marco e economiza para o enxoval.

Na busca desse destino, a afeição mútua entre mulheres e homens constitui a motivação inicial e central para a aproximação entre os casais e a intenção de contrair núpcias, como acontece com a quase totalidade das

personagens casadouras das produções literárias em questão. No entanto, a concretização da união matrimonial nem sempre ocorre sem percalços. Quando há amor e similaridade de classe social e de capital econômico entre os enamorados, os namoros e noivados transcorrem sem oposição de pais ou de outros familiares, podendo os apaixonados desfrutar seus sentimentos amorosos e realizar a desejada união. Contudo, a classe social pode se tornar um dos obstáculos no caminho para o altar, já que a diferença social e/ou econômica de um dos pretendentes torna-se um motivo para a oposição de pais ou familiares. Em algumas produções literárias, as diferenças de classe atuam na economia das obras como obstáculos inicialmente intransponíveis ou causadores de sofrimento para os enamorados, mas que são removidos graças a ações de familiares ou por obra de algum acontecimento, permitindo-lhes, assim, desfrutar seus sentimentos e realizar a desejada união, como ilustram os seguintes exemplos.

No conto *Glänzend gesiegt* (1909), de Eufemia von Adlersfeld-Ballestrem, as personagens Herbert von Seeberg e Phillys Jutroschin estão apaixonados, mas o conde Jutroschin, pai da jovem, é contra o namoro dos dois, pois tinha para sua única filha planos mais altos do que “entregá-la a um simples e pobre tenente sem perspectivas e sem um nome antigo, pois os Seebergs eram apenas da chamada nobreza da coroação prussiana de 1701” (ADLERSFELD-BALLESTREM, 1908, p. 72), enquanto que a linhagem dos Jutroschins se estendia até tempos imemoriais. O conde, em sua ambição, pretende casar a filha com um magnata polonês mais velho e calvo, mas que, além da fortuna, possui um título de príncipe e ainda uma esplêndida cavalaria. Ao ver o sofrimento de seu filho, rejeitado em função da diferença de classe, e o desespero de Phillys pelo casamento arranjado, a senhora von Seeberg, resolve agir, fazendo uma visita ao conde em seu castelo para demovê-lo de sua decisão. Após uma tempestuosa discussão, que resultou na inimizade entre as duas famílias, a senhora von Seeberg não consegue

<sup>5</sup> O ano entre parênteses refere-se ao ano para o qual o *KDVK* se destinava. Sua publicação e venda acontecia no ano anterior ao qual se destinava.

<sup>6</sup> A tradução desta fonte e das demais em língua alemã foi efetuada pela autora do artigo.

convencer o conde a aceitar seu filho como pretendente legítimo à mão de Phillys. A situação do jovem casal começa a tomar outro rumo a partir de uma provocação ao conde efetuada pela mãe de Herbert por ocasião de uma corrida de cavalos na cidadezinha. Ao ver a égua de corrida irlandesa, que não estava nos seus melhores dias, recém-adquirida por Jutroschin de seu futuro genro, a senhora von Seeberg afirma que qualquer porca de seu chiqueiro poderia competir com ela, sugerindo ao conde uma aposta, que ele, irado e indignado, acaba por aceitar. A senhora von Seeberg aposta seus dois cavalos de tração, os arreios e sua carruagem, e, caso a porca ganhasse a corrida, o conde deveria permitir o casamento de Herbert e Phillys. A porca *Schönheit* treinada, por meio de uma técnica específica, pelo administrador da propriedade da senhora von Seeberg, ganha a corrida e Herbert casa com a amada.

Em *Kriegstrauung. Eine Geschichte in zwei Briefen* (1917), conto da escritora alemã Klara von Prieß, a diferença social entre jovens enamorados constitui um obstáculo para o casamento, mas que é removido pela mãe em decorrência das consequências da Primeira Guerra Mundial. Herbert von Zierow, filho da baronesa Sybille Margarete von Zierow, pretende se casar, antes de ir para o fronte em Flandres como voluntário de guerra, com Käthe Knut, filha de um diretor ginásial. Em uma carta datada de 10 de setembro de 1914, a baronesa determina que Käthe, oriunda da burguesia, desista de qualquer intenção de se casar com Herbert, argumentando, para tanto, que origem e educação interpõem entre ambos uma enorme distância, afirmando que esta distância “desejada por Deus e ordenada pelos homens eu não quero ver violada” (PRIEß, 1916, p. 104). Na perspectiva da baronesa, a união com Käthe seria impossível “porque ela contradiz severamente todas as tradições de nossa família, a qual há cinco séculos mantém sua árvore genealógica pura” (idem, p. 105). A diferença de classe desaparece no conto em função da Guerra e de suas consequências para a família von Zierow. Em

carta de 15 de junho de 1915, a baronesa von Zierow implora a Käthe que aceite as suas desculpas e se case com Herbert, a fim de salvar a vida do filho e a linhagem da família, acrescentando que “no geral toda a exterioridade tornou-se tão pequena e sem importância – a morte cuidou disso. Mas, acima disso, paira o profundo direito da vida – vem e traze-nos nova vida a nossa casa morta” (idem, p. 106). A mudança de atitude da baronesa decorreu da perda de dois filhos na guerra, sem herdeiros, e em função do grave ferimento de Herbert, em Flandres, e de sua posterior doença, originária da discussão acerca da atitude da mãe em relação a Käthe. Durante o período em que o filho ardia em febre, associada a uma infecção pulmonar, a baronesa fez uma promessa para que a linhagem da família tivesse continuidade, aceitando uma burguesa em seu castelo, promessa que pretendia cumprir pelo resto da vida.

Nesses contos, observa-se que o consentimento da família mais privilegiada social e economicamente, ou de um de seus membros, para o qual contribuem elementos de ordem diversa, constitui um elemento importante para a concretização da união matrimonial, pois legitima o casamento pela suspensão das diferenças de classe.

Em outras produções literárias a diferença de classe torna-se um obstáculo intransponível para as personagens como ilustra o conto *Der verrückte Flinsheim* (1915), de Charlotte Niese. Nele, a diferença de classe social é tematizada como um limitador para o matrimônio. O pastor Ludolf von Flinsheim, oriundo da nobreza, ao trabalhar no vilarejo de Windbergen, em Schleswig, apaixona-se por Wiebke, filha de um dos camponeses frísios mais ricos da localidade, propondo-lhe casamento. Ao tomar conhecimento destes fatos, Erich, primo de Ludolf, desqualifica a pretendida união com Wiebke, classificando-a como “intenção tola” (NIESE, 1914, p.80), e sentencia: “busca para ti uma virtuosa donzela da nobreza. Nos conventos para damas tens opções, e elas são todas melhores para ti do que esta moça” (idem, p. 79). Na tentativa de dissuadir Ludolf de sua intenção e sentimentos em

relação a Wiebke, sublinha a diferença de classe entre ambos: “pois tu vieste um dia ao mundo como barão e paulatinamente sentirás que não pertences aos camponeses” (ibid.).

## 2 Mulheres e maternidade

A representação da figura feminina materna, atuante na esfera privada, dedicada à criação dos filhos e ao cuidado com a família, representação essa que se estende às personagens oriundas de diferentes classes sociais, também é contemplada nas produções literárias de escritoras alemãs, austríacas e suíças, publicadas no *KDVK*. Trata-se principalmente da figura da mãe amorosa e protetora, que estabelece um vínculo afetivo com os seus filhos e cuida de seu bem-estar.

No conto *Glänzend gesiegt*, de Eufemia Adlersfeld-Ballestrem, a senhora von Seeberg é caracterizada pelo narrador como “uma mãe afetuosa, que não apenas adestrava os cavalos para o filho, mas também por ele duelaria com todo o inferno” (ADLERSFELD-BALLESTREM, 1908, p. 72). Sua preocupação maior consistia “na felicidade de seu filho, ao qual ela se afeiçoara com toda a alma” (idem, p. 81), razão pela qual a eventual perda de seus cavalos e da sua carruagem na aposta com o conde de Jutrochin não lhe causavam sofrimento. Em *Der Friedensengel* (1926), conto de Luise Glaß, Berta Wiethmann também é representada como uma mãe amorosa e zelosa, visto que “ela era mesmo boa para as suas menininhas, de coração, considerava cada uma das filhas como uma dádiva de Deus, e zelava por elas e cuidava delas” (GLAß, 1925, p. 27). Essa relação se acentua com o nascimento do caçula, o qual “fora todas as vezes a criança: o mais desamparado, assim o amado, e Hans Peterlein era tão lindo e tão agradável – e o desejado menino” (idem, p. 27). Nesta afirmação do narrador está visível o lugar que o filho ocupa na família, que vem desde o século XIX, já que “como herdeiro, o filho é o futuro da família, sua imagem

sonhada e projetada, sua forma de lutar contra o tempo e a morte” (PERROT, 1991, p. 146).

A figura da mulher e mãe abnegada que se sacrifica pelo bem-estar de filhos, quer sejam seus quer sejam de outros, constitui outra representação da figura feminina presente em produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças no *KDVK*. No poema *Der Mutter Notgroschen* (1907), de Alice Freiin von Gaudy, uma mãe idosa, ao receber notícias de seu filho, que emigrara para um lugar onde cedros e palmeiras crescem na floresta e rios majestosos cruzam a terra, em busca de fortuna, decide socorrer o filho: “Um grito de necessidade ecoou de lá; ele escrevia sobre miséria e martírio,/Agora ele deve receber o derradeiro, o que ela outrora subtraía de sua boca!” (GAUDY, 1906, p. 228). O envio do dinheiro pela anciã, como uma forma de mitigar o sofrimento e a miséria do filho, toma uma dimensão maior por se tratar de economias arduamente amealhadas ao longo de uma vida sacrificada e de privações, como denota o título do poema.

No poema *Ein Mutterwort* (1923), de Isabella Kaiser, a abnegação da mãe em prol dos filhos está relacionada à sua salvação dos maus-tratos paternos. O eu-poético, um pároco, relembra a trajetória da mulher de Loo Benis, de prole numerosa, marcada pela aflição e pela miséria, quase sufocada pela torrente de preocupações, a alma mais pobre de seu rebanho, que viera à casa pastoral em busca de auxílio. O dinheiro não cobria mais as despesas da casa, já que o marido consumia quase tudo com a bebida, e predominava a violência em relação aos filhos e à mulher, constantemente agredidos até a exaustão. Em sua conversa com o pároco, a mulher afirma que “quero suportar serenamente tudo/apenas não os absurdos golpes nas crianças” (KAISER, 1922, p. 83), demonstrando, assim, a abnegação em relação à própria vida em prol do bem-estar dos filhos, e pede-lhe que admoeste seu marido acerca da justiça divina. Tempos depois de efetuada a visita à família e a admoestação ao marido acerca da bondade paterna divina, a mulher de

Loo Benis retorna à casa pastoral. Leve, como se nenhum peso estivesse sobre seus ombros, com o filho recém-nascido nos braços, agradece ao pároco pelo auxílio, relatando que vivem dias melhores, já que o marido recobrou o ânimo e trabalha para a família com todas as suas forças, e afirma: “agora ele bate apenas em mim” (ibid.) Esta mãe submissa e abnegada aceita de bom grado os maus-tratos, já que os filhos estão a salvo da fúria paterna, satisfação essa que se observa claramente na menção ao tipo de olhar que acompanha o seu relato ao pároco: um brilho tranquilo e bem-aventurado que permeia os olhos brilhantes e umedecidos da mulher. A emoção de ver os filhos a salvo significa para a mãe um estado de felicidade e êxtase, ainda que seu corpo seja continuamente torturado.

Sacrifício e abnegação de mulheres também se estendem à prole alheia. No poema *Die Pflegekinder* (1924), de Frida Schanz, uma mulher perde a sua irmã e seu cunhado, que não deixam bens, mas seis crianças, sendo uma delas cega. A irmã, casada, com um filho e uma bela propriedade na qual há um jardim paradisíaco, está dividida entre o dever e o prazer. Seu coração lhe diz que deve tomar para si os órfãos, mas ela gostaria de aniquilar este sentimento. Adotar as crianças da irmã significaria renunciar aos prazeres da vida, logo ela que “amava um pouco a ostentação e o brilho,/ um pouco fazer a *toilette*, um pouco o sossego” (SCHANZ, 1923, p.64), somando-se a isso que “era tão distinto, estar sentada sob o sol ameno” (ibid.). O culto às aparências e o cultivo dos prazeres mundanos daria lugar a muito trabalho pesado com as crianças, e ela “não queria viver na indigência, ela não queria suar” (ibid.). Imersa em seus pensamentos, sentada embaixo do centenário abrunheiro em flor, em cujo galho dois casais de pintarroxos fizeram ninho e deram cria, ela dá-se conta repentinamente que os pássaros não gorjeiam alegremente como no dia anterior. Verifica que em um dos ninhos falta uma fêmea que está morta no chão, destroçada por um gato. Ao observar os ninhos, a mulher constata que a outra fêmea assumira também a tarefa de

cuidar e de alimentar os filhotes alheios, desdobrando-se com destreza em um trabalho incansável.

Esta visão atua sobre a mulher como uma espécie de epifania, fazendo-a sair em disparada, de consciência tranqüila, em direção à casa da irmã falecida para resgatar e adotar os sobrinhos chorosos. Ao tomar nos braços calorosa e firmemente o menino cego, agora aliviado em seu terror, a mulher recebe o reconhecimento como mamãe. No entanto, neste poema, a abnegação e o sacrifício não são efetuados unicamente em função dos sobrinhos, mas também em relação à aprovação do marido: “ela sabia que seu marido exaltaria isso” (ibid.). Assim, a abnegação também tem sentido, visto que seria louvável aos olhos do homem, considerado senhorio (*Eheherr*), reforçando, deste modo, os papéis masculinos e femininos no casamento: o homem é o senhor; à mulher cabe cuidar da prole e agradar ao marido com suas atitudes. Ao buscar no mundo animal o exemplo e a motivação para a abnegação e o sacrifício em prol do bem-estar alheio, o poema naturaliza estas duas atitudes, inscrevendo-as unicamente no campo do instinto da fêmea, já que aos pintarroxos machos não são imputadas tais atitudes. Não apenas abnegação e sacrifício são considerados categorias femininas, mas o próprio ato de cuidar e alimentar a cria, já que nos galhos do abrunheiro há “dois pais, que cantam, duas fêmeas, que alimentam” (ibid.), estabelecendo, assim, a divisão dos papéis no casamento e na criação dos filhos.

### 3 O enaltecimento da maternidade

A importância da maternidade não é tornada visível apenas pela presença constante de figuras maternas nas produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças divulgadas no *KDVK*, mas também pela alegria gerada por ocasião do nascimento dos filhos e de sua presença no ambiente familiar.

No conto *Und nächstes Jahr geht's in die Berge* (1912), de Marie Diers, o narrador evidencia o contentamento de Hete, ao dar a luz a Friedrich, seu primogênito, apesar de estar “fraca e debilitada. Mas ela não deixava isto transparecer, certamente nem se dava conta de seu estado perante toda a felicidade” (DIERS, 1911, p. 141). No poema *Gutes Beispiel* (1913), de Frida Schanz, como sugere o título, a maternidade é um exemplo positivo que gera outros nascimentos, personificados pelos objetos caseiros, pois quando uma criança vem ao mundo “então se aviam todas as coisinhas e todos os objetos, que se encontram na casa – eles também querem dar a luz a criancinhas” (SCHANZ, 1912, p. 178). Assim, entre outros objetos, “primeiro a rija cama tem um bebezinho, depois o roupeiro sorri para um roupeirinho, a velha jarra ganha uma jarrinha” (ibid.), situação que gera no interior da casa uma profusão de panelinhas, sapatinhos, camisinhas, bolsinhas e casaquinhos, qualificados positivamente, pois “são todos para beijar, engraçados e delicados” (ibid.). O uso do diminutivo e a amplificação reiteram a positividade da maternidade que o eu-poético ainda reforça, ao final do poema, por meio da afirmação categórica, a qual, por sua vez, instaura uma linha de continuidade absoluta: “é assim, foi assim, sempre será assim,/onde uma criança adentra. É verdadeiramente um alegre mundo” (ibid.). Em *Die Kleine* (1924), poema de Isabella Kaiser, uma menina de dois anos é caracterizada como fonte de alegria e mestre da casa, “e todos os bons espíritos/seguem de perto seus passos” (KAISER, 1923, p. 77). Além de ser o centro das atenções e móvel positivo da vida e rotina domésticas, a menina também é vista como bênção, pela comparação à pomba, a qual “paira sobre o nosso teto./E onde voa, despertam fé/ e felicidade nos corações” (ibid.).

A celebração da maternidade ainda ocorre nas produções literárias por meio da evocação da lembrança de crianças e mães ausentes. No poema *Mein Bübchen* (1903), de Anna Ritter, o eu-poético, uma mãe que

deu seu filho em adoção, sente e lamenta a ausência de seu rebento, que outrora, em sua companhia, brincava e cantava ao longo do dia e tinha uma voz similar a da cotovia. Ao indagar às nuvens pelo paradeiro de tal criança, elas respondem-lhe que não conhecem tal menino, mas apenas um que clama pela mãe, não canta, e pálido não dorme à noite em função do sofrimento. Ao receber estas notícias, a mãe, atordoada e tomada de um sentimento de pesar se recrimina: “como pude dar meu meninote/, que agora estou sozinha/, ele lá e eu aqui/ Ah, Deus, proteja-o por mim!” (RITTER, 1902, p. 312).

No conto *Der Fink* (1924), de Marie von Ebner-Eschenbach, Pia, uma menina de oito anos, tenta salvar a vida de um pequeno tentilhão, o qual caíra do ninho localizado no maior olmeiro dos arredores do castelo em que ela mora. No entanto, ao ver que o passarinho agoniza, resolve dar-lhe uma morte feliz, soltando-o da torre do castelo, mas, para sua surpresa, o filhote voa em direção ao ninho. Nele, é recebido, na visão da menina, que personifica os chiados dos tentilhões, com júbilo e indagações a respeito de seu estado, e está a salvo de todos os males, já que se encontra junto à mãe. A presença desta figura materna acolhedora e protetora de sua prole faz com que Pia se lembre de sua orfandade, idealize a mãe e enfatize o amor materno: “como alguém se sente assim, fazia tempo que ela não sabia mais... Ela era outrora tão pequena..., mas deve ser esplêndido para um pássaro – e para uma criança” (EBNER-ESCHENBACH, 1923, p. 125). Dentro desta linha também se insere o poema *Der alte Lehnstuhl* (1933), de Louise von Plönnies, no qual o eu-poético ama desesperadamente uma velha poltrona, que tem caráter simbólico, já que nela sentava a falecida mãe, razão pela qual o móvel tornou-se para ele “um tesouro sagrado” (PLÖNNIES, 1932, p. 139). O forte envolvimento emocional do eu-poético com a velha poltrona, na qual está preso seu coração, denota a importância da figura materna, considerada sua estrela-guia.

#### 4 O enaltecimento da figura feminina pela reafirmação do casamento e da maternidade

O enaltecimento da figura feminina nas produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças, publicadas no *KDVK*, ainda ocorre a partir de alguns textos que encenam questionamentos acerca da condição feminina, seja em relação ao movimento feminista seja em relação ao casamento, mas que reafirmam o papel da mulher confinado ao casamento, ao lar e à maternidade.

No que tange a direitos das mulheres, casamento e movimento feminista, esta discussão toma forma em apenas duas produções literárias. No poema *Die Enterbten. Ein Beitrag zur Frauenfrage* (1901), de Helene Christaller, uma mãe, na hora da refeição, divide entre ela, as quatro crianças e o marido dois frangos assados. Ao pai é destinada uma ave inteira e aos demais familiares o outro frango repartido em pequenas porções. Walter, o menino, afirma perante as três irmãs que ele, ao ser adulto e pai, também comerá um frango inteiro, cabendo-lhes “no máximo apenas uma perna” (CHRISTALLER, 1900, p. 177). As filhas aflitas questionam a mãe nos seguintes termos: “Mãe, é verdade, diga,/mulheres nunca ganham um frango inteiro,/apenas o homem pode comê-lo?” (ibid.) Ainda que haja o questionamento das meninas em relação aos direitos da mulher no lar e na sociedade, a resposta fica em aberto, denotando o silêncio a concordância com a condição feminina em relação à partilha das possibilidades entre homens e mulheres. No conto *Nachts um die zwölfte Stunde* (1906), de Eva Treu, ao recordar sua trajetória até o casamento com o dr. Halthausen, Lis relembra que na infância sua cidadezinha natal começou a se modernizar rapidamente. Isso também incluiu a introdução de ideias feministas, inicialmente recusadas por todos, mas “o feminismo furtivamente tinha entrado pela porta dos fundos e paulatinamente conquistou um lugar muito poderoso no sofá

da sala de estar” (TREU, 1905, p. 171). Em uma localidade em que as reivindicações feministas estavam na ordem do dia, a vida de Lis, já na época de sua confirmação, destoava da imagem de uma mulher emancipada, pois “olhava-se quase atravessado para o pai porque ele não me deixou ‘tornar-se’ algo, mas apenas me enviou à pensão para ser lapidada e depois ficou comigo em casa” (ibid.) [Grifo da autora]. As mulheres mais progressistas da cidade almejavam para Lis a condição de um “reluzente modelo para todas as compatriotas” (ibid.) por meio do estudo acadêmico, uma vez que seu pai podia arcar com as despesas desse tipo. Contrariando as expectativas dessas mulheres, Lis opta por uma condição feminina devotada ao lar e, principalmente, ao casamento, afirmando: “mas eu já achava naquele tempo muito mais bonito um dia casar, e quem gostaria, pensava eu, de ter como esposa uma ‘estudiosa’?” (ibid.) [Grifo da autora].

No que concerne ao casamento e à maternidade, há contos em que as personagens femininas questionam a sua necessidade, mas nessas narrativas o desfecho das ações acaba por confirmar a representação feminina predominante. Em *Hinnerk Stahl's Brautfahrten* (1905), conto de Konradine Stinde, a personagem Dörten Klahn, cerca de trinta anos de idade, viúva recente, sem filhos, trabalha no solar Steenkuhl, na região leste de Holstein. Ao receber a proposta de casamento de Hinnerk Stahl, explica-lhe que oito pretendentes já passaram pela sua casa, recusando também suas propostas. Afirma categoricamente que não está interessada em casar novamente, já que o falecido marido fora bom para ela, a ausência de filhos lhes permitira economizar algum dinheiro, e ela tinha seu trabalho, portanto, uma vida despreocupada e independente. Embora a situação de Hinnerk, diarista, viúvo com cinco filhos, casa e criação de animais a serem cuidados, inspire em Dörten um sentimento de pena, ela não aceita o pedido de casamento. Encaminha o pretendente a uma possível noiva, a Jette, destacando suas qualidades de costureira e dona de casa. No entanto, o que parecia uma

resolução definitiva de recusa ao casamento toma outra feição ao longo do conto, em virtude da impressão que Hinnerk causara em Dörten durante a conversa que entabularam durante o almoço por ocasião de sua primeira visita. Hinnerk, depois de seu fracassado noivado com Jette, e em sua nova função de cocheiro em um solar, procura Dörten em sua casa, e ela lhe confessa que se arrependera de tê-lo recusado, pois no outro dia a sopa que ambos tomaram no almoço não tivera mais o mesmo sabor. Desta vez Dörten aceita a proposta, pedindo a Hinnerk que ele e seus filhos venham tomar sopa com ela no próximo domingo. Ainda que inicialmente o conto coloque em cena uma atitude feminina menos convencional em relação ao casamento, o desfecho da narrativa reforça a função da mulher: ser esposa e mãe.

No conto *Der verrückte Flinsheim*, o casamento de Wiebke e Ebbo Tychsen constitui uma união insatisfatória, marcada pela violência familiar e pela miséria. Ebbo bate na mulher e nos filhos, tem diversas passagens pela polícia, não cuida do sustento da família, apenas esporadicamente consegue atrair uma embarcação para a costa de Windbergen e roubá-la com a ajuda de seus comparsas, cabendo a Wiebke cuidar de si e dos cinco filhos. Em mais um momento de crise, Wiebke, que apesar dos sofrimentos continuava jovem e bela, sai em busca de auxílio junto ao pastor Ludolf von Flinsheim, ao qual confessa os constantes maus tratos, a surra no filho menor e as ameaças de morte, recusando-se a voltar para o marido. Implora, de joelhos, ao pastor para que lhe ajude no encaminhamento do pedido de divórcio, pois ela não vê mais sentido em continuar uma vida de tortura e necessidade. Mesmo consciente do sofrimento de Wiebke, o pastor, em seu papel de autoridade religiosa, aconselha Wiebke a carregar as conseqüências de sua escolha matrimonial, já que “teu marido é teu homem para o bem e para o mal. Não te disse isso na bênção matrimonial de vocês?” (NIESE, 1914, p. 82). A isso o pastor ainda acrescenta a indissolubilidade do casamento, havendo

necessidade de se conformar com os desígnios divinos: “O que Deus uniu o homem não deve separar! Tu deves suportar o que Deus te impôs. Ele pensa no teu bem, não perca a tua fé! (ibid.). Ebbo, ao ver a mulher ajoelhada em frente ao pastor, olha a cena com olhos ferozes, dá uma gargalhada de escárnio, esfaqueia o pastor, arranca a mulher do chão, ordenando-lhe violentamente que o siga para casa. Para Ebbo, a sua ação constituía uma delimitação de propriedade, efetuada com finalidade de mostrar ao pastor “que eu sou teu dono. Siga-me, Wiebke” (ibid.). Mesmo depois de ter desprezado o marido, chamando-o de desgraçado, esmurrado o seu rosto, Wiebke obedece quieta a ordem do pastor de ir para junto de Ebbo e ajudá-lo. Além disso, intercede pela vida de Ebbo junto a Ludolf, visto que os camponeses queriam enforcá-lo, pois “Ebbo é o pai dos meus filhos! Eu não o amo mais; mas não posso vê-lo morrer! (idem, p. 83). Depois da morte do pastor, Ebbo continuou a praticar seus roubos a navios, mas quando a polícia quis prendê-lo, os camponeses ajudaram a família a fugir para a América. Lá, ocorrera uma transformação no casal: “ele tornou-se um homem quieto e um pouco tímido, e Wiebke uma mulher séria; mas ela pacificamente persevera junto dele” (idem, p. 84). No conto, Wiebke representa a mulher infeliz no casamento que procura uma saída para uma nova vida, mas é cerceada pela voz da autoridade masculina e religiosa, mostrando-lhe que o lugar da esposa é junto do seu cônjuge, como ordena a palavra divina, condição a ser suportada sem alarde, como ressalta o termo perseverar que, no conto, assegura o vínculo matrimonial.

No conto *Die Puppe in der Truhe. Eine besinnliche Geschichte* (1937), de Rita von Gaudecker, a personagem Anna Ollhoff, de dezessete anos de idade, recém-casada e grávida, entra em crise durante a ausência do marido, que fora à casa da mãe moribunda. Temerosa, cansada e solitária, em uma noite de inverno, Anna divaga acerca de sua nova condição de esposa e futura mãe, questionando-se a respeito da veracidade da gravidez. Em suas reflexões

toma consciência de que desejava apenas o Johann, sendo o casamento um consentimento do casal em decorrência da gravidez. Anna afirma também que não deseja a criança, visto que ela ainda é muito jovem e o parto deve ser muito dolorido, situação que a amedronta. Em virtude disso, ela sente-se estranha, deslocada e imatura em sua nova condição de vida. Estes sentimentos se externam nas ações de Anna: a hesitação em deixar o aconchego e o calor do fogão em seu novo lar para ir ao encontro do marido na casa da sogra, que fica perto dali, no outro lado da aldeia, e o medo de ver a sogra moribunda, já que nunca presenciara a morte de alguém. Sua imaturidade fica mais visível quando finalmente decide sair de casa. Nesse momento, dá-se conta que veste meias vermelhas nos pés, inadequadas para visitar uma doente, e, em função disso, decide procurar meias pretas no baú que abriga seu dote. Em sua busca, depara-se com uma caixa em seu fundo, na qual está a sua última boneca: a Rosa em seu vestido de veludo, que diz mamãe e movimentava os olhos. Em vez de se vestir para ir à casa da sogra, cumprindo, assim, a palavra empenhada ao marido, decide consertar o sapatinho da boneca e depois brincar com ela. Imersa em seu regresso à infância, Anna não percebe a passagem do tempo. Toma consciência de seus atos, ou seja, de que brincara de boneca enquanto a sogra morria, e de que não cumprira a sua promessa, quando o marido chega em casa. Guarda rapidamente a boneca, tranca o baú, lança-se sobre a lanterna e se esgueira pela casa escura até a eira, a fim de que o marido não tome conhecimento de suas ações. Ao vê-la tremendo no meio da eira, ao lado do fogão frio, com a lanterna balançando, de meias vermelhas e cabisbaixa, Johann abraça e beija ardentemente a esposa.

Embora o conto, por meio das divagações e ações de Anna, exponha as incertezas da personagem e seus questionamentos acerca do casamento e da maternidade, o epílogo reforça o lugar da mulher como esposa e mãe, servindo, assim, como sugere o subtítulo, como uma reflexão acerca da

condição feminina. Depois da noite em que é ardentemente amada por Johann, seu maior interesse, Anna abre ao amanhecer a porta da eira e vai ao estábulo. A noite atuou como um ritual de passagem da Anna menina para a Anna mulher, que, em vez de brincar de boneca, agora executa serenamente as suas tarefas de dona de casa e esposa. A ocupação com a boneca, dentro desta perspectiva, pode ser interpretada como uma aproximação ao futuro papel de mãe, uma vez que Rosa possui certas características de um bebê: pequena e diz mamãe. Esta transformação também se verifica no tratamento dispensado a Anna e à paisagem pelo narrador. Ao longo da narrativa, a moça é descrita como uma criança muito cansada, “pequena e de estrutura infantil” (GAUDECKER, 1936, p. 214), de olhos infantis, um ser pueril. No epílogo do conto, é tratada pelo narrador como “a jovem senhora” (idem, p. 218), sinalizando, assim, a transformação da menina em mulher. Esta mudança também ocorre em relação ao medo do parto. No início da narrativa, Anna tem certeza de que o parto é muito dolorido, mas ao final pensa que “certamente não será tão doloroso” (ibid.). A caracterização da atmosfera do alvorecer como “calma e solene. Quase como um novo Natal” (ibid), remete a renascimento, reduplicado pelo amanhecer, ou seja, o começo de um novo dia. Assim, o desfecho deste conto também reafirma os valores do casamento e da maternidade.

Apenas em uma produção literária, no conto *Die Kapitalistinnen* (1924), de Marie von Ebner-Eschenbach, ocorre recusa explícita do casamento. As irmãs Johanna e Elise Moser, residentes em Viena, no ano de 1884, professoras aposentadas, financeiramente independentes, ao conviverem com o primo Julius, que passa a administrar seu patrimônio financeiro, sujeito atrapalhado, impaciente, desleixado e rude, tecem o seguinte comentário: “mas há algo horrível em relação a este homem... não, quando se pensa na possibilidade de ter que existir ao lado de um desses durante o ano! Opinam as irmãs, apertam as mãos entre si e alegram-se pelo fato de não terem

casado“ (EBNER-ESCHENBACH, 1923, p. 93). No entanto, apesar da recusa ao casamento e da independência financeira, as duas irmãs são totalmente dependentes da figura masculina para a correta aplicação financeira de seus recursos, reafirmando, assim, a dependência da mulher em relação ao homem no tratamento de questões no âmbito público.

## 5 Aprendizizes de mulher e de mãe

Em algumas das produções literárias das escritoras alemãs, austríacas e suíças no *KDVK*, ocorre a veiculação de representações acerca da figura feminina, que englobam atributos como zelo, misericórdia, abnegação e obediência e o desempenho de atividades domésticas, centradas em crianças, às quais essas especificidades são atribuídas com um intuito de apresentar modelos de formação para o lar e a maternidade.

No conto *Der Friedensengel*, de Luise Glaß, Berta Wiethmann, mãe de quatro meninas, ao analisar a diferença de percepção entre elas e o caçula Hans Peterlein no que tange à viagem para a estação de águas na Áustria, orgulha-se de suas filhas: “Graças a Deus que minhas meninas aceitam serenamente os dissabores que a vida lhes reserva, que elas consolam outros, quando elas mesmas sofrem. Elas serão um dia embaixadoras da alegria e boas mães de família” (GLAß, 1925, p. 27). Ao se referir à atitude das filhas, a mãe defende ainda como característica central da mulher o desprendimento: “quem sabe se não são as últimas de nosso desencantado mundo cultural, no qual todas as pessoas desde pequenos não aprendem a soletrar nada além da palavrinha *eu*” (ibid.) [Grifo da autora]. Contrapõe-se, deste modo, ao individualismo como marca da modernidade.

Em *Margaret* (1928), poema de Frida Schanz, uma menina de seis anos de nome Margaret, filha de um soldado de cavalaria da Saxônia, viúvo, cuida do irmão menor, ainda bebê, na ausência do pai, o qual, além de lhe dar as

instruções, também lhe ordena não sair de casa. Margaret constitui uma versão infantil da figura materna, reforçada pela denominação no diminutivo, repetida ao longo do poema: “mamãezinha” e “pequenina mamãezinha” (SCHANZ, 1927, p. 70). Nos cuidados com o irmão, observa-se que Margaret, apesar de tenra idade, desempenha tarefas atribuídas à figura materna: conta-lhe estórias para dormir, entre elas a do castelo prateado na lua onde mora a falecida mãe; monta-lhe cidadelas no piso irregular com castanhas, bolotas de carvalho e musgo; endireita-lhe o casaquinho; conduz o menino da janela à porta; prepara-lhe a sopinha no fogão; faz-lhe uma boneca com pedaços de madeira; e canta para ele uma canção ao anoitecer sentada no banco. Numa noite fria e ventosa de fevereiro, a cidade coberta de neve, Margaret vê as chamas atingirem a vizinhança e a catedral, as vidraças se estilhaçarem e o calor adentrar a sala. Pensa em fugir com o irmão, mas lembra-se do mandamento do pai – não sair de casa –, permanecendo nela a ninar o bebê. Ao voltar à meia-noite, o soldado de cavalaria vê ao seu redor uma cidadezinha em escombros e fumaça. Desesperado alcança a sua casa, que está intacta, encontrando Margaret com vida, doce e quieta, e o menino a gritar, salvação que o pai atribui ao poder divino. Nesta versão da “mamãezinha”, predominam a bondade, a quietude, o cuidado, a dedicação, a abnegação, já que a rotina da menina gira em torno do irmão, e obediência cega à figura masculina, deixando, assim, o poema claro quais as atribuições esperadas da mulher. No conto *Uns’ Herrgott* (1928), de Helene Voigt-Diederichs, Lise, a filha de cinco anos de Gottlieb Reimers, trabalhador na extração de argila em zona rural da Alemanha, já atende às necessidades da figura masculina, pois leva ao pai no seu trabalho, nas manhãs geladas do inverno, uma refeição matinal, composta de pão e uma garrafa com café quente, e, em casa, toma lugar junto à mãe no fogão, a qual carda lã, tarefa “na qual Lise também deve auxiliar” (VOIGT-DIEDERICHS, 1929, p. 81).

## 6 Representações do feminino e política editorial do *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien*

Os textos literários de autoras alemãs, austríacas e suíças publicadas no *KDVK* não foram produções originalmente escritas para esse almanaque, mas extraídos de outros suportes, entre eles livros e periódicos. Sua recepção e circulação no *KDVK* foram decorrentes de um processo de apropriação por parte dos editores desse almanaque, ou seja, seu novo uso estava a serviço de uma meta editorial, dirigindo-se também a um público leitor distinto do de origem.

A recepção e publicação de poemas e contos dessas escritoras, bem como dos demais autores presentes nas páginas do *KDVK*, esteve diretamente relacionada ao comércio livreiro de Porto Alegre. A Krahe & Cia., editora do *KDVK*, era, desde o ano de 1900, única proprietária da Livraria Universal, estabelecida na Capital sulina na Rua dos Andradas, inicialmente no nr. 497-501, depois no nr. 1515-1521 e finalmente no nr. 1519, denominada também de Livraria de Krahe & Comp. ou Krahe & Cia. A Livraria Universal fora fundada em Porto Alegre no ano de 1877, pelo imigrante alemão Adolf Heinrich Gundlach (1844-1904) e, desde então, importava livros e periódicos em língua alemã da Alemanha e de outros países da Europa. Nesse contexto, os textos literários de escritoras alemãs, austríacas e suíças, publicados no *KDVK* com maior frequência a partir de 1899, atuavam como amostragem e chamariz de literatura, estratégia editorial voltada para incitar os leitores do almanaque à aquisição de livros comercializados pela Krahe & Cia., Livraria essa que funcionou até o final da década de 1930. Esse vínculo, em alguns momentos, foi explicitado no *KDVK*, por meio da menção das obras às quais originalmente pertenciam os poemas ou contos publicados no periódico. No *KDVK* para o ano de 1903, por exemplo, os poemas de Anna Ritter originavam-se dos volumes intitulados *Gedichte* e *Befreiung*, *Neue Gedichte* e os poemas

de Frida Schanz da obra *Vierzeilen* (DIE BÜCHER, 1902, p. 493), livros esses que podiam ser adquiridos na Krahe & Comp.. Essa Livraria, na década de 1920, apresentava-se ao público leitor como um estabelecimento em que os leitores “encontravam sempre uma grade variedade das melhores obras dos melhores autores alemães e todas as novidades literárias do mercado livreiro alemão” (KRAHE & CIA., 1928, p. 188). Figuravam no repertório da Livraria Universal, entre outras escritoras, Anna Ritter, Clementine Helm, Elise Polko, Eufemia von Adlersfeld-Ballestrem, Eugenie Marlitt, Frida Schanz, Konradine Stinde, Johanna Spyri e Marie von Ebner-Eschenbach, geralmente enquadradas, nos anúncios publicitários da Krahe & Comp., na rubrica leituras para moças (Mädchenlectüre).

A recepção e circulação de textos de autoras alemãs, austríacas e suíças no *KDVK* também foi uma decorrência das representações acerca da figura feminina presente em sua tessitura. A análise das produções literárias dessas autoras, efetuada a partir de um recorte centrado na figura feminina, demonstrou que predominava a representação da mulher como destinado ao casamento e à maternidade. São representações que veiculam, em sua grande maioria, uma imagem ideal de mãe e esposa, em cuja composição estão presentes valores atribuídos às mulheres como a ternura, o zelo, a abnegação e o sacrifício. Mediante a exaltação do casamento e da maternidade, ocorre, nestas representações veiculadas pelos textos literários, a afirmação da reclusão feminina ao ambiente doméstico, portanto, à esfera do privado marcado pela dedicação ao lar e à família. As poucas produções que inicialmente questionam a condição feminina acabam por reafirmar o valor do casamento e da maternidade como destino central e único da mulher, já que a personagem feminina é, na ficção, mantida reclusa no lar e junto dos filhos. Ainda que escritas por mulheres, essas produções literárias divulgadas no *KDVK* trazem em si um tom conservador e edificante, que não empreendem na ficção um redimensionamento da condição feminina,

mas reafirmam, por meio das representações, a vocação da mulher para o casamento e a maternidade, bem como seu lugar no reduto familiar.

Estas representações acerca da figura feminina construídas pelas autoras alemãs, austríacas e suíças em seus textos literários propagam, em sua grande maioria, uma imagem da mulher e dos papéis a ela atribuídos na sociedade, especialmente pelo segmento da burguesia, que remontam, na Alemanha, ao século XIX. Conforme salienta Ingeborg Weber-Kellermann (1998), a partir do final do século XVIII, com a mudança das estruturas sociais, entre elas a emergência da classe burguesa e as modificações decorrentes da revolução industrial, houve uma transformação na estrutura econômica e familiar que trouxe consigo uma nova condição para a mulher. Com a dissolução do modo de vida da chamada casa total (*Ganzes Haus*), concebida “como lugar de produção em conjunto e econômica de uma administração da casa familiar” (idem, p. 12), na qual a mulher tinha um papel ativo, e com a separação do local de moradia e de trabalho, surgiu, a partir do início do século XIX, um novo tipo feminino, que representou para a burguesa “a retirada para o cuidado da casa e a criação dos filhos e uma grande perda em autonomia” (ibid.). A partir deste período, segundo Weber-Kellermann, “estar à frente da casa, isto é, o conforto da vida íntima da família tornou-se a profissão e a missão da mulher” (idem, p. 60). Em virtude deste papel atribuído à mulher, que lhe dava representatividade e legitimidade na sociedade, “havia a premência do casamento, e o “noivado” era a mais desejada de todas as condições” (idem, p. 57) [Grifos da autora]. Esta condição feminina, voltada ao lar e à família, consolidou-se ao longo do século XIX, notadamente a partir de 1871, ano de criação do estado nacional alemão, em função do fato de que estava “profundamente gravada na sociedade burguesa a imagem da ‘determinação da mulher’ ao matrimônio e à família, a qual ela tinha que representar na esfera privada, protegida atrás de espessas cortinas de veludo” (idem, p. 100) [Grifo da autora]. Em decorrência deste ideal de

atuação feminina, predominou “a supervalorização do status de casada” (ibid.), fazendo com que “a necessidade da união matrimonial fosse para a moça pequeno-burguesa tão imperiosa quanto para a jovem da alta burguesia no que concerne ao prestígio social em suas camadas sociais” (idem, p. 149).

Como, na concepção de Chartier (1990, p. 17), as representações do mundo social “são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”, há a necessidade de se averiguar os atores interessados na veiculação de representações do feminino submissas ao casamento e à esfera privada. Para tanto, torna-se relevante a análise da política editorial do suporte em que as produções das escritoras foram divulgadas, uma vez que “não há texto fora do suporte que o dá a ler (ouvir) e que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 2002, p. 71).

O *KDVK* foi um meio de comunicação, editado anualmente, voltado para a informação, instrução, edificação e o entretenimento, que desde a sua criação tinha a família como uma de suas diretrizes. No editorial de lançamento do *KDVK*, Carl von Koseritz afirmava que, entre outros objetivos, estava imbuído, mediante a edição de seu almanaque, da “séria vontade de oferecer aos alemães daqui um autêntico e justo livro de família” (KOSERITZ, 1873, p. III) Esta tendência consolidou-se a partir do final do século XIX, quando o *KDVK* foi classificado como um “almanaque familiar no verdadeiro sentido do termo” (KOSERITZ’..., 1899, p. 3), e coincidiu com a mudança do editor do periódico. A partir do ano de 1898 e até 1923, a redação do *KDVK* ficou a critério do pastor e professor evangélico Emil Gans, o qual imprimiu ao almanaque um caráter mais conservador, edificante e moralizante, além de efetuar uma defesa mais intensa, da família, da maternidade, dos valores cristãos e da germanidade (*Deutschtum*). Esta linha editorial teve

continuidade após a morte de Gans, em 1924, perdurando até o encerramento da publicação do *KDVK*. Entre 1898 e 1937, a preocupação central dos editores do *KDVK* consistiu na propagação, a partir das produções literárias de autoria feminina, de um ideal de família burguesa, que tinha suas raízes no século XIX.

Assim, a produção literária das escritoras, veiculada constantemente no *KDVK* a partir do final do século XIX, foi alvo de um processo de recepção e seleção coordenado por olhares masculinos, que escolheram de um conjunto maior de textos literários aqueles que se coadunavam à visão da mulher que queriam transmitir a seus leitores, especialmente às leitoras. Pela sua repetição constante, estas representações tendiam a conformar nas leitoras um modelo de conduta e de lugar na sociedade a partir de como as escritoras, pela representação literária, e os homens, pela seleção dos textos de um repertório maior, imaginavam e almejavam o destino das mulheres. No entanto, ainda que essas representações tragam em si um modo de conduta feminino, constantemente afirmado e reforçado, como espécies de dispositivos para reger a vida em sociedade, a sua apropriação principalmente pelas leitoras constitui uma questão em aberto, uma vez que, conforme assinala Roger Chartier, esses dispositivos “deixam necessariamente um lugar, no momento em que são recebidos, à variação, ao desvio, à reinterpretação” (CHARTIER, 2002, p. 53).

É dentro deste contexto, bem como de utilização do *KDVK* para propaganda literária da livraria de Krahe & Comp., que a publicação das produções literárias de autoras alemãs, austríacas e suíças pode ser entendida. No entanto, conforme ressalta Eduardo Coutinho a respeito da recepção na configuração de uma história da literatura, “a narração empreendida pelo historiador literário é uma seleção de textos e acontecimentos, que traduz sempre a ótica de seu porta-voz e as marcas da comunidade a que ele pertence” (COUTINHO, 2003, p. 18).

## Referências

ADLERSFELD-BALLESTREM, Eufemia von. Glänzend gesiegt. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1909*, Porto Alegre, 1908. p. 71-91.

\_\_\_\_\_. Tiddlywinks. Eine heitere Geschichte. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1910*, Porto Alegre, 1909. p. 219-237.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHRISTALLER, Helene. Die Enterbten. Ein Beitrag zur Frauenfrage. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1901*, Porto Alegre, 1900. p. 177.

COUTINHO, Eduardo. Comparativismo e historiografia literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *História da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 15-22.

DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIE BÜCHER. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1903*, Porto Alegre, 1902. p. 493.

DIERS, Marie. Und nächstes Jahr geht's in die Berge. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1912*, Porto Alegre, 1911. p. 129-168.

EBNER-ESCHENBACH, Marie von. Die Kapitallistinnen. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1924.*, Porto Alegre, 1923. p. 90-96.

\_\_\_\_\_. Der Fink. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1924*, Porto Alegre, 1923. p. 123-125.

\_\_\_\_\_. Der gute Mond. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1932*, Porto Alegre, 1931. p. 45-55.

GAUDECKER, Rita von. Die Puppe in der Truhe. Eine besinnliche Geschichte. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1937*, Porto Alegre, 1936. p. 214;216;218.

GAUDY, Alice Freiin von. Der Mutter Notgroschen. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1907*, Porto Alegre, 1906. p. 228.

GLAß, Luise. Der Friedensengel. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1926*, Porto Alegre, 1925. p. 25-33.

KAISER, Isabella. Ein Mutterwort. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1923*, Porto Alegre, 1922. p. 83.

\_\_\_\_\_. Die Kleine. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1924*, Porto Alegre, 1923. p. 77.

KOSERITZ, Carl von. An die Leser! *Koseritz' deutscher Volkskalender auf die Provinz Rio Grande do Sul auf das Jahr 1874*, Porto Alegre, 1873. p. III-IV.

KOSERITZ' DEUTSCHER VOLKSKALENDER FÜR BRASILIEN. *Koseritz' deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 15.09.1899. p. 3.

KRAHE & CIA. In unser Buchhandlung. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien*, Porto Alegre, 1927. p. 188.

KUDER, Manfred. *Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Berlin: Ibero-Amerikanische Archiv, 1936/37.

NIESE, Charlotte. Der verrückte Flinsheim. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1915*, Porto Alegre, 1914. p. 69-84.

PERROT, Michele. Figuras e papeis. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Dir.). *História da vida privada 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 121-185.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PLÖNNIES, Louise von. Der alte Lehnstuhl. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1933*, Porto Alegre, 1932. p.139.

PRIEß, Klara von. Kriegstrauung. Eine Geschichte in zwei Briefen. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1917*, Porto Alegre, 1916. p. 104-106.

RAFF, Helene. Der Mörser. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1934*, Porto Alegre, 1933. p. 107-111.

RITTER, Anna. Mein Bübchen. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1903*, Porto Alegre, 1902. p. 312.

SCHANZ, Frida. Gutes Beispiel. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1913*, Porto Alegre, 1912. p. 178.

SCHANZ, Frida. Die Pflegekinder. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1924*, Porto Alegre, 1923. p. 64.

\_\_\_\_\_. Margaret. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1928*, Porto Alegre, 1927. p. 70.

SCHWABACHER-BLEICHRÖDER, Anna. Auf Nimmerwiedersehen. Humoreske. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1928*, Porto Alegre, 1927. p. 126-127.

STINDE, Konradine. Hinnerk Stahl's Brautfahrten. Erzählung aus dem östlichen Holstein. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1905*, Porto Alegre, 1904. p. 63-72.

TREU, Eva. Nachts um die zwölfte Stunde. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1906*, Porto Alegre, 1905. p. 171-184.

VOIGT-DIEDERICHS, Helene. Uns' Hergott. *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien auf das Jahr 1930*, Porto Alegre, 1929. p. 79-81.

WEBER-KELLERMANN, Ingeborg. *Frauenleben im 19. Jahrhundert: Empire und Romantik, Biedermeier, Gründerzeit*. 4. Auflage. München: C.H. Beck, 1998.

Recebido em 20/04/2015.

Aceito em 27/09/2015.